


Melissa Pimentel

«Um romance muito divertido cujo estilo se assemelha ao de Jane Austen.»

Sunday Mirror



Há sentimentos que o tempo não consegue apagar.

REENCONTRO com o AMOR

TOP
SEL
LER

Agora

Segunda-feira à noite. Os restos da salada César de frango secavam ligeiramente ao canto da minha secretária, e a caneca de café junto ao meu cotovelo — a quinta do dia — já estava fria. Olhei para o relógio minúsculo no canto do ecrã: 21h23. Não tinha qualquer hipótese de sair antes da meia-noite.

— Precisa de alguma coisa?

Ergui o olhar e vi a Jennifer, a assistente cuja ajuda partilho com os outros dois gestores de contas, parada diante de mim. A Jennifer, que chegara com as bochechas rosadas e o ar saudável de uma mulher vinda diretamente da quinta (ainda que, no seu caso, essa quinta fosse Yale). Agora, depois de apenas algumas semanas passadas connosco, a sua pele já adquirira a palidez causada pelo défice de vitamina D. Senti uma pontada de culpa: ela era como um doce cor-deirinho, que estava a ser metodicamente tosquiado pela cidade.

— Não, tenho tudo controlado, obrigada. — Olhei-a mais atentamente. Usava batom. Batom vermelho. — Vai sair esta noite? — perguntei.

— Não — respondeu ela nervosamente, dedilhando o fio de ouro que usava ao pescoço. — Bem, mais ou menos. Tinha uns planos, mas posso ficar enquanto precisar de mim.

Também usava um vestido com um padrão floral que lhe favorecia a cintura fina. Tinha, sem sombra de dúvida, um encontro.

— Não se preocupe comigo — disse-lhe. — Não preciso que fique, a sério. A que horas eram os seus planos?

Ela passou o peso do corpo para o outro pé e tentou parecer des-
preocupada.

— Hum, há 20 minutos?

— Nesse caso, que faz aqui? Vá! — disse eu, enxotando-a com
gestos.

Ela arregalou os olhos e abriu um grande sorriso.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

— Oh, meu Deus, obrigada! — disse, remexendo na secretária
para arrumar a mala. — Fico muito, muito agradecida. Estarei cá bem
cedo amanhã de manhã, prometo.

— Calma, não se preocupe. Vou ausentar-me o resto da semana,
mas estarei sempre disponível por e-mail, é só escrever-me uma
linha se houver algum incêndio maior. Espero deixar a maior parte
das coisas alinhavadas esta noite.

A Jennifer hesitou.

— Tem a certeza de que não precisa mesmo de mim? A sério
que não me importo de ficar. — Metade do corpo dela já estava do
outro lado da porta.

— Eu sei, mas fico bem. A sério.

— Muito bem, então... faça boa viagem. E avise-me, se precisar
de alguma coisa.

— Esteja descansada. E, Jen?

— Sim?

— Está fabulosa.

Ela lançou-me um sorriso radioso e saiu. Ouvi os seus saltos altos
baterem na escada e o som da porta de incêndio a abrir e a fechar-se
com força.

Suspirei e voltei a uma das minhas muitas folhas de cálculo cheias
de códigos coloridos. Estava a trabalhar numa nova e importantís-
sima campanha digital para a Spike, uma companhia aérea *low-cost*
que fora recentemente assolada por uma miríade de escândalos de
higiene e segurança: salmonela num lote de refeições de bordo, três
cintos de segurança para crianças que se partiram quando foram

testados e um incidente em particular, quando um grupo de ratos invasores roeu um conjunto de fios elétricos durante um voo para São José. Estávamos agora a promover a marca como a «Companhia Aérea da Aventura», apresentando imagens de GoPro de vários lunáticos a saltarem de edifícios e a fazerem rapel em desfiladeiros. Porque, neste momento, só mesmo lunáticos deste calibre se enfiariam de livre vontade num dos seus periclitantes aviões.

Independentemente da minha opinião sobre a ética de maquilhar a segurança aérea, a conta da Spike era uma fatia enorme do orçamento da BlueFly e era essencial que a campanha decorresse sem percalços. Em consequência, trabalhara 16 horas por dia nas últimas três semanas, atendendo telefonemas do CEO frenético até às tantas da noite e logo de manhãzinha. Há uma semana, um dos meus olhos desenvolvera um tique e, agora, esse tique tinha um tique. E, claro, no momento menos oportuno precisava de tirar uma semana de férias e viajar para o Norte de Inglaterra porque a minha irmã se obstinara em casar num castelo (o que, conhecendo a Piper, não é grande surpresa). E, para deitar sal na ferida, também lá estaria o meu ex-namorado. Claro que a Piper só podia casar com o melhor amigo do homem que eu não queria voltar a ver. E, a este ritmo, nem sequer teria tempo de depilar as pernas antes de partir. O meu telefone piscou com uma mensagem.

Vais-me dar banhada amanhã?

Era a minha melhor amiga, a Jess, que desertara para as terras inóspitas da Nova Jérssia há dois anos, com o marido e um bebé, e que eu conseguira desde então visitar o fabuloso total de três vezes. Eu sei, eu sei, sou uma péssima amiga, algo que a Jess não se coíbe de me dizer. Outra mensagem piscou.

Deixa-me explicar melhor. NÃO ME DÊS BANHADA AMANHÃ. É melhor que não irrites uma senhora grávida, porque eu dou cabo de ti.

Prometera-lhe passar em casa dela na manhã seguinte, a caminho do aeroporto. Mas, com toda a honestidade, já estava a planear arranjar uma desculpa e passar a manhã no escritório. Ao ver as suas mensagens, sabia que estava tramada.

Claro que vou. Estou ansiosa. XXX

Pousei o telefone na secretária e voltei às folhas de cálculo. Pelo canto do olho, vi a luz do telefone acender outra vez.

És uma aldrabona, mas adoro-te. Diz-me em que comboio vens, que eu e o Noah vamos buscar-te. X

Bebi um gole de café e fiz uma careta. *Meia-noite*, pensei. *Não fico aqui depois da meia-noite.*

Acordei com o zunir mecânico de grilos.

Os meus olhos abriram-se e tateei no escuro até enrolar os dedos em torno do telefone: 6h33. Soltei um gemido. Pensei em fechar os olhos outra vez, deixando que o sono voltasse a apoderar-se gentilmente de mim, mas o envelope azul no meu *iPhone* tinha um zangado número vermelho por cima: 57 novos e-mails não lidos. O escritório de Xangai tinha estado atarefado durante a noite. Dei-lhe um toque com um indicador relutante e vi rapidamente a série de desastres maiores e menores que precisavam de retificação, sentindo o meu peito apertar-se a cada toque.

6h37. Horas de levantar. Rodei as pernas para fora da cama e lamentei imediatamente a minha decisão de tomar um comprimido para dormir na noite anterior. Protegi os olhos do sol que já jorrava pela janela, e sentei-me durante uns minutos, calculando mentalmente o que tinha de fazer durante o dia: ginásio, comboio, Jessica, avião. Inglaterra. O ex. Soltei outro gemido e olhei nostalgicamente para a almofada.

Obriguei-me a levantar-me. Tinha um treino às 7 horas e o Jeff obrigar-me-ia a fazer *burpees* extra se chegasse atrasada. Desde há três anos, quando tentara espremer-me para dentro de um vestido que costumava usar na universidade e este não passara dos meus joelhos, que todas as terças-feiras, às sete em ponto, tinha encontro marcado com o Jeff. Era o efeito de todos os dias e noites passados à secretária, e a única solução era sujeitar-me a duas sessões semanais de tortura com o Jeff e a frequentes corridas ao longo do rio antes do nascer do dia. Era brutal. Era interminável. Era, ao que parecia, a rotina que seguiria para o resto da minha vida. Porque é que o exercício não era como o dinheiro, ou os pontos do Starbucks, possíveis de acumular para depois ir gastando gradualmente, ao longo do tempo, para o resto da vida? Em vez disso, descobri que se tirasse, nem que fosse uma semana de folga, os meus pulmões revertiam ao seu prévio estado flácido e o meu rabo começava a descair para a parte de trás dos meus joelhos. Assim, continuei a lutar.

Arrastei-me para a casa de banho e acendi a luz, piscando ligeiramente os olhos antes de voltar a apagá-la. Lavar os dentes no escuro parecia-me mais seguro e mais humano. De cara lavada e cabelo preso num rabo de cavalo, vesti as roupas do ginásio que deixara cuidadosamente dobradas na noite anterior, e deitei alguns grãos de café na cafeteira. Relanceei o relógio pendurado por cima do fogão. 6h48: tinha dois minutos. Endireitei os cobertores e voltei a verificar se tinha tudo o que me fazia falta para a viagem, incluindo a chocante monstruosidade verde que a Piper decidira que era o vestido da dama de honor. Ia diretamente para a estação depois do ginásio e não podia dar-me ao luxo de voltar ao apartamento por me faltar um sapato.

Vestido, sapatos, maquilhagem, comprimidos para dormir para os dias todos da viagem, tudo em ordem. Dei uma última olhadela rápida ao apartamento antes de sair. Era um estúdio minúsculo, mas era todo meu — a primeira casa que eu pudera comprar sozinha na cidade. Chega uma altura na vida das pessoas em que, caso se seja solteiro, temos de viver sozinhos, quanto mais não seja porque

os únicos colegas de casa disponíveis são os perturbados e os doentes mentais. A viagem de Bay Ridge — onde vivi sete anos, desde que me mudara da casa que partilhava com a Jess em Sunset Park — era brutal, mas não tão brutal quanto a sensação de ser a pessoa mais velha e pobre do bairro. Quando Len, o velho empregado grisalho do McDougall foi substituído por uma miúda de 23 anos, de sorrisinho petulante e top da *Hypercolor*, fui para casa, preparei uma folha de cálculo financeiro e telefonei a um agente imobiliário: ia mudar-me para Manhattan, onde seria pobre mas, pelo menos, me sentiria jovem (sinto-me mais pobre do que jovem, mas continua a valer a pena).

O novo apartamento, aninhado num antigo prédio em East Village, era minúsculo e tinha um preço exorbitante, mas podia pagá-lo (dificilmente) graças à minha recente promoção a gestora de contas. Era lindo — todo ele com tijolos expostos e tetos altos — e eu estava aos poucos a substituir a minha velha mobília do IKEA por peças *vintage* envelhecidas de propósito, que tinham sido originalmente compradas numa venda de garagem em Michigan e revendidas, extremamente inflacionadas, a cidadãos ingénuos como eu. Não me importava com isso.

Desci as escadas e saí para a rua. Estava uma manhã bonita: o céu ostentava um azul impecável; a inevitável humidade do dia ainda não começara a dispersar e os varredores já tinham passado, pelo que a rua não estava coberta de garrafas de cerveja e vómito da noite passada. Bebi o café pelo caminho e ouvi os ritmos tranquilos da cidade que despertava: estores de metal a abrirem, baldes de água a serem despejados no passeio, o barulho suave do motor das limusinas a arrefecer enquanto esperavam que os seus homens de negócios terminassem o pequeno-almoço. Caminhei até ao ginásio, onde fui recebida pelo familiar cheiro a suor, desinfetante e ambientador demasiado caro. Exatamente 6h59. Um homem grande e musculoso, com cabeça em forma de triângulo e um sorriso sádico, levantou-se quando atravessei a porta: Jeff.

— Bom dia, Ruby — disse. — Pronta para sofrer?

— Nem por isso — respondi, mas pouco importava; era isso que ia acontecer.

Suei ao longo das habituais séries de exercícios cada vez mais extenuantes e bizarros, o Jeff por cima de mim e ocasionalmente gritando o que ele julgava serem incentivos, mas podiam, com mais exatidão, ser classificados de assédio. «Mais baixo! Mais fundo! Mais rápido! Mais força!», dizia ele sem parar. Fora do contexto, poderia parecer que estávamos a realizar um filme pornográfico. Fechei os olhos com força e pensei no café e no *bagel* que me aguardavam quando aquilo terminasse, considerando, não pela primeira vez, a ironia de me exercitar tão arduamente para manter o corpo com a aparência dos 19 anos, quando a minha dieta consistia inteiramente em *Cheetos*, *Diet Coke*, fatias de queijo processado e vodca barata. Afastei o pensamento da cabeça e fiz outra sequência. Isto é para seres forte e saudável, disse para me convencer, e não magra. (Está bem, também era um bocadinho para ser magra.)

Além de me permitir comer um *bagel* livre de culpa, o exercício ajudava-me temporariamente a desalojar aquele nó apertado de ansiedade que se aninhara no meu esterno — como um minúsculo passarinho bebé a esvoaçar, de bico afiado — desde a promoção. A cada agachamento, este voava mais alto e mais leve até que, ao fim da hora, já não o sentia. Hoje estava a ser particularmente útil, considerando a quantidade de ansiedade pré-viagem/casamento/família/ex-namorado que me contraía firmemente os ombros.

— Mais um circuito e acabamos — disse o Jeff, flexionando distraidamente um bíceps diante do espelho enquanto eu iniciava ainda mais uma sequência de alongamentos com pesos. Controlei-me para não lhe dar com um dos pesos na cabeça.

Exercício feito, duche tomado e personagem montada, dirigi-me ao metro, com a mala de rodinhas a arrastar ruidosamente atrás de mim. A cidade distendera os seus membros e estava agora completamente desperta, por isso tive de abrir caminho através de uma multidão que fazia fila à porta da Pastelaria Birdbath, todos eles desesperados por deitarem a mão a um *cronut* acabadinho de fazer,

apesar de toda a gente da cidade (menos eu) ter deixado de comer glúten. Esquivei-me a uma mulher que tentava libertar o salto alto de uma grade do metro, a um vagabundo que empurrava um carrinho de supermercado cheio de manequins desmembrados e a um dilúvio de estudantes universitários de aspeto ressacado, antes de descer para a estação da Segunda Avenida.

O metro era, como sempre, um campo minado de cheiros, sons e membros de estranhos. Normalmente evitava utilizá-lo — o escritório da BlueFly ficava a uma distância que podia percorrer a pé — mas não tinha qualquer hipótese de fazer a pé os mais de 30 quarteirões através de toda a cidade até à Penn Station, e um táxi demoraria o dobro do tempo, serpenteando através do trânsito matinal. Empurrei e fui abrindo caminho até à porta de um comboio muito cheio, irritando toda a gente que me rodeava por levar uma mala de viagem na hora de ponta, e deixei que a minha cara adotasse a expressão Não Te Metas Comigo (uma mistura de tédio, distância e vaga ameaça). Encontrei (acho eu) um espaço desabitado, e passei os 20 minutos seguintes a consultar o *iPhone* — tinha recebido 13 e-mails novos durante a minha sessão no ginásio — e a tentar ignorar o cheiro verdadeiramente perturbador exalado pelo homem ao meu lado. Olhei-o de relance: parecia normal, até bonito — quarentão, com uma atraente melena de cabelos grisalhos e um bom fato — mas cheirava como se tivesse andado a rebolar numa mistura de alho e pelo de cão molhado.

Olhei-o, desta vez mais atentamente. Havia algo de familiar nele... talvez já tivesse trabalhado com ele? Iria ao mesmo ginásio? Foi então que me lembrei: tínhamos trocado algumas mensagens no *Ok Cupid* no mês passado. Até tínhamos marcado um encontro, mas tive de cancelar à última da hora por causa de uma urgência no trabalho. Senti os olhos dele em cima de mim e fitei o ecrã do telefone firmemente. Por favor, não me reconheças, rezei em silêncio. Por favor, homem do lixo, deixa-me em paz.

«Rua 34, HERALD SQUARE!» Anunciaram através do altifalante e eu abri caminho até à porta e à plataforma com a mala atrás

de mim, provocando mais um rasto de resmungos. As portas começaram a fechar-se e o homem do lixo fitou-me, com uma expressão de reconhecimento escrita no rosto. Eu desviei o olhar e as portas fecharam-se, levando-o para a Rua 42. Sorri para mim própria enquanto arrastava a mala pelas escadas: mais uma pequena vitória. Saí da estação e iniciei a minha viagem a pé através da cidade. O calor do verão começara a comprimir Nova Iorque como um polegar, e no momento em que entrei na Penn Station o suor já começara a escorrer pelas minhas costas.

— Posso sugerir-lhe umas madeixas grátis? O nosso novo salão acabou de abrir...

— Amostras grátis de Nem Acredito Que Isto Não É Chocolate! O primeiro substituto do chocolate feito inteiramente de beterraba!

— Bilhetes para os Knicks a metade do preço!

Abri caminho por entre os turistas, os vendedores de bilhetes e os promotores que tentavam enfiar folhetos em todas as mãos que passavam. Houve uma época em que eu teria aceitado a oferta do rapaz bonito para um corte de cabelo grátis, mas a experiência ensinou-me da pior maneira que por «novo salão» ele se referia a uma espelunca num beco em Chinatown, onde me pintariam o cabelo de cor de laranja e me cobriam 110 dólares para reparar o estrago. É isto que tem Nova Iorque: a sua essência bela e enlouquecedora. Aqui ninguém arranja nada de borla. Tudo tem de ser conquistado.

Apressei-me pelo alvo e longo corredor em curva, passando a correr pelo Nathan's, pelas lojas de recordações e pela livraria com enormes pilhas do novo bestseller de cordel. O chão estava agora juncado com os detritos das viagens da manhã: café entornado no cimento polido, juntamente com sacos de papel fininho que tinham contido *croissants* e sandes de ovo já devorados, e a secção desportiva de um jornal fora abandonada num banco próximo. A hora de ponta terminara e uma calma ecoava sobre a estação. Vi o meu comboio no painel — o 6929 para Millburn — e dirigi-me à plataforma. Estava adiantada, por isso parei num carrinho que vendia *bagels* e pedi um integral (queijo fresco à parte) e um café (simples).

Estava a soprar furiosamente o café a esquentar quando algo me chamou a atenção: a olhar-me de um escaparate de revistas estava, nada mais, nada menos, que o meu ex-namorado, sorrindo petulantemente na capa da *TechCrunch*. «Poderá Ethan Bailey Salvar o Mundo?» perguntava o título, como se tivesse sido concebido especialmente para me irritar.

— Não me parece — murmurei, tirando um exemplar da prateleira e batendo com ele no balcão.

— Quatro dólares — disse-me o homem sem sorrir e de mão estendida.

Tirei as notas uma a uma e empurrei a revista para o fundo da minha mala, onde pude sentir as páginas a dobrarem-se, e fui apagar o comboio.

A linha Morris e Essex é uma excursão socioeconómica em miniatura pela Área Metropolitana de Nova Iorque. Olhei pela janela enquanto atravessávamos Chelsea, passando rapidamente pelas lojas de moda e pelos bares caros, atravessando a High Line e o rio Hudson, até Nova Jérsea. Atravessámos Hoboken e penetrámos num mar de parques industriais salpicados de cartazes a anunciar clubes de *strip*, prestamistas e oficinas de bate-chapas, até que surgiu o primeiro anúncio de mobiliário West Elm e aí percebemos que chegámos aos subúrbios.

Acabei o meu *bagel* e tirei a revista da mala, segurando-a agilmente entre o polegar e o indicador, como se pudesse ser radioativa. O que, de certa forma, até era, pelo menos para mim. O café que eu engolira depressa demais fez um indesejado reaparecimento no meu esófago. Debrucei-me para examinar a fotografia. Ele não tinha mudado nada. Quando muito, estava mais atraente. Tinha o brilho confiante do dinheiro a brotar de cada poro, e era óbvio que usara uma parte da sua aparentemente vasta fortuna atual para endireitar e branquear os dentes. O cabelo escuro estava ligeiramente mais curto, mas continuava encaracolado em volta das têmporas e os olhos eram do mesmo verde-dourado que eu recordava. Sim, era definitivamente ele: um paradigma do sucesso, anunciado ao mundo como o designer de uma

geração, e provavelmente descrito, a certo ponto do artigo, como um dos solteiros mais cobiçados da cidade. Pelo menos ainda era solteiro da última vez que eu me permitira pesquisá-lo no *Google* (uma vez de dois em dois meses, não mais) na sequência da sua separação de uma qualquer editora de moda com pernas altas.

Li o artigo na diagonal e deparei com a palavra «gênio» tantas vezes que considerei seriamente enviar um dicionário ao editor adjunto, e permiti-me olhar para as restantes fotografias durante exatamente quatro minutos. Ali estava ele, com o braço jovialmente por cima do ombro do falecido Steve Jobs, ambos sorrindo para a câmara, com camisolas de gola alta a condizer. Noutra fotografia, estava na gala do Met com a já mencionada editora de moda das pernas altas enrolada à volta dele, como um macaquinho bebé num ramo de árvore. E, finalmente, havia uma fotografia dele com o seu sócio, os braços por cima do ombro um do outro e sorrindo como se nenhum deles pudesse acreditar na sua sorte.

Eu também não acreditava. Se alguém me tivesse dito, dez anos atrás, que o Ethan ia acabar por desenvolver um das mais usadas e mais populares aplicações de todos os tempos, eu tinha-me rido na cara dele. Na verdade, primeiro teria de perguntar o que era uma aplicação, e depois é que me ria. Fechei a revista e voltei a guardá-la na mala.

Sabem aquela sensação quando se enfia moeda após moeda numa *slot machine* sem ganhar um tostão, e assim que nos afastamos vemos a próxima pessoa que lá mete um quarto de dólar ganhar o *jackpot*? Era a sensação com que eu vivia nos últimos sete anos, desde que a cara do Ethan aparecera num artigo da *Wired* intitulado «Estrelas em Ascensão». Nessa noite bebi meia garrafa de vodca com a Jess, acabando por deitar fogo à revista e colocando-a num balde de lixo, no que a Jess prometera ser um «ritual de purificação», mas que acabou por apenas derreter o balde do lixo (de plástico) na carpete da sala resultando numa séria dedução no depósito de caução.

As árvores passavam rapidamente enquanto o comboio penetrava mais profundamente em Nova Jérсия. Fechei os olhos e encostei-me

à janela, com a cabeça a bater ritmicamente no vidro enquanto o comboio rolava sobre os carris. Amanhã vou vê-lo de novo — pela primeira vez em quase dez anos. Que poderia eu dizer-lhe? Será que ele me ia falar? E se ele ainda tivesse sentimentos por mim? Ou, pior, se não tivesse? Enxotei o pensamento da minha cabeça como se fosse uma mosca. O homem à minha frente olhou-me e sorriu amigavelmente. Vestia um fato, mas os punhos estavam desfiados e o colarinho amarelecido, e tinha a expressão angustiada de um homem à beira do abismo. Olhei de novo para as árvores do outro lado da janela, que eram cada vez mais escassas, substituídas por casas de madeira idênticas e um ou outro centro comercial. E se eu ainda o amasse depois deste tempo todo? Que raio faria num caso desses?

«PRÓXIMA ESTAÇÃO, MILLBURN!»

A minha mala de viagem desceu os degraus aos tombos até chegar à gare, e recusei com um gesto a oferta de ajuda do homem de roupa desfiada. A estação estava deserta àquela hora do dia e eu senti-me estranhamente criminosa por estar fora dos limites da cidade e ao ar livre, na manhã de um dia de semana. Pisquei os olhos ao sol brilhante antes de tirar o telemóvel da mala e verificar os e-mails: não houvera desastres de maior, felizmente. Soltei um pequeno suspiro de alívio e dirigi-me para a saída da estação.

— Ruby! Estamos aqui! — Ouvei a voz da Jess antes de a ver, junto de um enorme SUV cinzento-metalizado e gesticulando maniacamente, apesar de ser a única pessoa no parque de estacionamento. Um sorriso abriu-se no meu rosto e desatei a correr.

A Jess embrulhou-me num abraço.

— Graças a Deus que chegaste cá, estava com medo de que te perdesse, ou algo assim.

Ela estava grávida — tremendamente grávida — mas ainda sobressaíam as pernas longas e os cabelos louros, embora o peróxido tivesse sido substituído e o cabelo tivesse agora uns tons mais parecidos com o mel e as pernas estivessem embainhadas numas *leggings* e tapadas por uma túnica de grávida de aparência cara.

Parecia um ovo, brilhante e glorioso. Era estranho imaginar uma pessoa minúscula a nadar dentro dela, com unhas pequeninas e nariz exíguo e, presumivelmente, órgãos internos minúsculos. Senti-me um bocadinho enjoada ao pensar nisso. Os bebês são milagres, claro, mas por vezes os pormenores técnicos aproximam-se demasiado da ficção científica para serem confortáveis.

— Jess, tenho 32 anos e estive em tua casa há três meses, como poderia perder-me? — Espreitei pela janela de trás do carro e acenei ao filho de 2 anos e meio da Jess, o Noah. Ele lançou-me um longo olhar cauteloso da sua cadeirinha. As crianças são como os ursos: sentem o cheiro do medo. Icei a minha mala de viagem para a bagageira e saltei para o lugar do passageiro. Na aparelhagem do carro tocava a banda sonora do *Frozen* e a Jess dirigiu-me um sorriso apologeticamente enquanto saíamos do parque de estacionamento.

— Ele é obcecado — disse, indicando o Noah com a cabeça. — É a única coisa que nos deixa ouvir. Estou sempre a tentar apresentar-lhe outras coisas, mas ele não vai nessa. Há dias pus Pharrell porque uma mãe me disse que o tinha usado para acabar com o vício que a filha tinha do *Frozen*, mas ele chorou o caminho todo. Não foi, miúdo?

O Noah soltou um berro triunfante lá atrás, e ela revirou os olhos.

— Então, de momento, estamos encalhados na Elsa e naquele boneco de neve, até conseguirmos descobrir uma intervenção eficaz. Desculpa.

— Eu até gosto — disse. Era uma ligeira variação da verdade: tinha ido ver o *Frozen* num dia particularmente negro, em janeiro, e dera por mim a chorar baba e ranho durante o *Let It Go*, para grande horror da horda de pais arrancada de casa essa tarde para levar os filhos a ver o filme pela décima vez. A experiência fora vagamente catártica, mas não estava particularmente interessada em repeti-la. Fora abalada por ondas de humilhação retrospectivas durante semanas, normalmente quando me encontrava em reuniões com clientes.

Dirigimo-nos para a baixa de Millburn, que parecia mais o simulacro de uma cidade dos anos 1950 do que um sítio real.

— Parece que estou num tanque — disse, enquanto passávamos por uma sucessão de cafés, lojas de roupa de criança e lojas de doces à moda antiga. O SUV elevava-se a vários centímetros do chão e fazia tudo parecer pequeno e vulnerável — os outros carros, as fileiras organizadas de lojas, as mães a empurrar os filhos em carrinhos nos passeios ou os bonecos de plástico da montra da loja de brinquedos.

— Eu sei — disse a Jess. — É um pouco ridículo, mas o Noah gera tanta tralha. Este menino é como uma mula de carga. Além disso, é ótimo quando os meus sogros estão na cidade.

Estacionámos no caminho de acesso à casa dela, por pouco não batendo num triciclo *Radio Flyer* abandonado em frente da garagem. A casa de três assoalhadas que a Jess e o marido tinham comprado há dois anos era cinzento-pérola, com um rebordo em amarelo. Havia um alpendre a toda a volta, com uma treliça por onde a hera trepava, e canteiros nos parapeitos. Parecia mesmo a casinha de bonecas que eu tinha tido em criança, e ficava sempre surpreendida quando lá entrava e descobria que a mobília era de tamanho real e não em miniatura. O pátio estava salpicado com variados brinquedos do Noah, incluindo uma casa do Peter Pan em madeira e um minúsculo carro vermelho-cereja, e passei algum tempo a maravilhar-me com a ideia de deixar coisas no exterior e não ter medo que fossem roubadas.

— A tua casa continua a ser enjoativamente perfeita — disse eu, fechando a porta do carro e olhando para as portadas brancas e o bonito telhado de ardósia.

— É um bocadinho pequena, mas serve. Acabámos de semear o relvado, mas o Ben está obcecado com a rega. Assim que chega do trabalho vai lá para fora com uma mangueira e uma lupa, para verificar os rebentos. Mas, não tarda, vamos precisar de mais espaço — disse ela, tocando pensativamente na barriga inchada. — Na verdade, esta é só uma primeira casa.

Murmurei algo que não me comprometia e sorri. O Noah ainda não tinha um metro e o bebé seria do tamanho de uma bola de voleibol quando nascesse: precisavam mesmo de mais de três quartos?

Parecia que, assim que alguém fazia 30 anos, começava de repente a precisar de três vezes mais espaço do que antes, independentemente de quantos filhos tivesse e quantos objetos possuísse. Metros quadrados, pátios à frente e atrás, lavatório para ele e para ela — toda a gente parecia estar aos comandos do seu próprio Destino Manifesto. Pensei no meu estúdio confortável, com tudo arrumado no seu lugar: certamente, com um bocadinho de boa vontade, o Noah e o bebé cabiam lá. Talvez pudesse dormir cada um na sua gaveta, como uma ilustração num livro infantil. Não que eu pretendesse testar essa teoria. Em primeiro lugar, isso seria raptó. Em segundo, de certeza que se iam babar em cima das minhas camisolas, o que era nojento.

A Jess libertou o Noah da cadeira do carro e ele encostou-se ao ombro dela. Vi-a cambalear ligeiramente por causa do peso e corri para ajudar.

— Queres que o leve? — perguntei.

A Jess recusou com um gesto.

— Estou que nem um touro. Devias ver os meus bíceps — era capaz de entrar em competições e vencer um bando de culturistas. O Ben está sempre a dizer que me vai vender para o circo. Diz-me, tens fome? Tenho umas coisas no frigorífico que dão para fazer salada, e fiz bolachas hoje de manhã. Oh, e o Ben trouxe outra vez aquelas maravilhosas trufas salgadas de caramelo da outra noite — tens de provar uma. Deixa-me só tratar deste menino e já te faço café.

O Noah correu para a cozinha, gritando algo indecifrável e pontuando cada declaração com um soluço alto. Olhei para a Jess, em busca de uma tradução.

— Tem fome — disse ela, apressando-se atrás dele. — Já passa da hora do almoço dele.

Fiquei no corredor por um momento, absorvendo o aroma de velas de cedro caras e de bolachas acabadas de cozer, entrecortado pelo vago cheiro azedo de leite entornado com frequência. Havia pares de sapatos muito alinhados junto da porta; tirei os meus e coloquei-os ao lado dos ténis de corrida verde-fluorescentes do Ben. O ar assentou à minha volta, as partículas de pó cintilando ao sol

do fim da manhã que entrava pela janela. O interior da casa era tão bonito como o exterior, com soalhos envernizados e paredes pintadas com muito gosto, em cores suaves. Havia uma fotografia emoldurada do casamento por cima da pequena lareira de tijolos, ao lado de uma da Jess, parecendo exausta, mas extremamente bonita, segurando o recém-nascido Noah junto do peito. Havia uma velha caixa de vinho cheia de brinquedos arrumada num canto da sala e a mesinha de café tinha pilhas de livros para bebês. Senti-me um ET que chegava inesperadamente à superfície de um planeta estranho.

Na cozinha, a Jess estava a fazer uma sandes de manteiga de amendoim e geleia com precisão militar. Retirou as côdeas, cortou-a em fatias finas como dedos e colocou-a num prato de plástico com a cara de um leão dos desenhos animados. Observei-a da ombreira da porta durante um minuto e fui atacada — como sempre que via aquele cenário doméstico que a Jess agora protagonizava — por uma inveja violenta e primordial e, ao mesmo tempo, por um desejo de fugir de casa aos gritos para respirar ar puro. O instinto de fuga era, normalmente, o mais forte.

— Hora de comer, miúdo. — A Jess colocou o prato no tabuleiro da cadeirinha alta e fez-lhe uma festa no cabelo. O Noah olhou para o almoço e desatou a guinchar.

— Jafa! Jafa! Jafa! — gritava.

— Está bem, amor. A mãe vai buscar. — A Jess tirou outro prato de plástico do armário, desta vez com uma girafa dos desenhos animados e mudou a sandes. Viu-me junto da ombreira e sorriu.

— É o prato favorito dele — disse ela, revirando os olhos, mas continuando a demonstrar a paciência de santa que se materializara assim que o Noah fora sugado de dentro dela após um trabalho de parto longo e difícil. Antes de ser mãe, a Jessica poderia ser descrita através de uma longa lista de qualidades variadas, mas paciência não estaria entre elas. Agora que o Noah mastigava alegremente, a Jess virou-se para mim, com a mão pousada calmamente na barriga. — Queres café, não queres? O Ben faz aquela coisa do café a frio, com que está obcecado. E, por favor, come uma bolacha. O Ben não

as come por causa da sua estúpida dieta Paleo e acabarei por as deitar fora quando te fores embora, só para evitar que eu e o Noah as comamos todas.

O Noah soltou um pequeno gemido de desespero e começou a lamber a geleia dos lados da sandes, para se confortar. Eu tirei uma bolacha de aveia e passas de uma travessa de cerâmica amarelo-fluorescente e ele olhou-me com uma fúria não dissimulada quando dei uma dentada.

— São deliciosas — disse eu, enviando uma chuva de migalhas para cima da mesa de carvalho.

— Já está — chamou o Noah. O prato estava vazio; o miúdo devia ter um aspirador dentro dele. A Jess levantou-o da cadeirinha alta e deu-lhe uma bolacha, que ele aceitou com uma expressão de felicidade normalmente reservada aos vencedores dos Óscares, antes de correr para a sala.

— Tu aqui és uma espécie de Rainha Etsy¹ ou algo assim — disse eu apontando para a sala.

A Jess abanou a cabeça.

— A sério, isto não é nada. Devias ver algumas das casas onde vivem os amiguinhos do Noah — não há uma única superfície que não tenha sido sarapintada com tinta de giz e decorada com garrafas de refrigerantes *vintage*. Na semana passada fomos ao aniversário de um miúdo de 2 anos e a mãe tinha feito bolachas de alfarroba e quinoa e tinha-as equilibrado no cimo daquelas garrafinhas de leite minúsculas. Foi de vómitos. Eu fiquei, claro, doentamente invejosa.

— Como é que te dás com as outras mães? Dão-se todas bem?

— Algumas são umas chatas, mas a maioria é fixe. Muitas vieram de Brooklyn para aqui para procriar e morrer. Provavelmente vão instalar um *shuttle* entre este sítio e Park Slope. É como a versão *hipster* da Florida, ou algo do género.

Levantou-se e começou a mexer numa máquina de café de aspeto caro.

¹ Etsy é um site de comércio eletrónico onde se vende artesanato e também produtos usados. [N. da E.]

— Eu faço isso! — disse eu, correndo para a bancada.

Ela enxotou-me.

— Estou grávida, não estou aleijada. Além disso, esta máquina é um enigma, e eu nunca te pediria que tentasses decifrá-lo. Agora, onde é que o Ben pôs aquela mistura jamaicana? É demais, tens de provar. Agora só a posso cheirar, claro, mas a sério, é o céu.

Olhei-a com uma sensação de calma incredulidade, ainda incapaz de reconciliar aquela deusa doméstica que estava à minha frente com a mulher com quem partilhara um quarto na universidade. Era como se lhe tivessem desligado um interruptor. Num dia fumava como um soldado e contava histórias cheias de palavrões sobre a entrevista que tinha feito ao mais recente *playboy* de Nova Iorque num clube de *strip* em Queens, no outro estava a preocupar-se com a proveniência das suas alcaçofras e com a competitividade nas aulas de música para bebés. Esta era a mulher que uma vez desviara uma limusina e mandara seguir para um evento de cabaré em Williamsburg, e tinha dormido, não com um, mas com três dos New York Yankees. Perguntei-me por momentos se o passe de temporada vitalício que ela tinha para o estádio dos Yankees ainda seria válido. Mas não fora a Jess a única a sofrer uma transformação. Há alguns anos, era como se tivesse soado um apito de alta frequência e todas as mulheres com quem eu passara os meus vinte anos a divertir-me tivessem ficado de orelhas arrebitadas. Uma a uma, desapareceram, varridas para um enclave suburbano ou para uma cidade menos «intensa», para não mais voltarem a ser vistas numa tasca ou num clube noturno, todas citando as mesmas razões: era demasiado caro, não havia sítios para os seus filhos existentes ou desejados brincarem, a competição pelas escolas era uma loucura, não havia espaço. Nos raros dias em que saía do trabalho suficientemente cedo para tomar uma bebida com alguém, não tinha ninguém a quem telefonar. Sentia-me como um daqueles soldados japoneses escondidos na selva muitos anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, jurando nunca se render.

O Noah entrou, com uma pilha de livros infantis precariamente equilibrada nas mãos.

— História, mamã?

— Já vou, amor — disse a Jess. — Porque não fazes um puzzle?

Ele patinhou dali para fora, parecendo ligeiramente contrariado. A Jess colocou uma caneca à minha frente, no mesmo amarelo berante da travessa das bolachas, e sentou-se com um sorriso.

— Então — disse-me. — Conta-me tudo. Faz-me todos os teus relatórios da civilização.

Encolhi os ombros.

— A verdade é que não há muito para contar. O trabalho vai bem. De loucos, mas bem. Abriu um restaurante novo na Jane Street que tu ias adorar. Fazem uma comida tailandesa fantástica...

Ela fez um gesto para pôr fim a conversas sobre comida tailandesa.

— Ruby, não temos muito tempo. Aquele menino ali é uma bomba relógio em contagem decrescente, por isso vamos falar de coisas boas. Tens tido algum sexo de jeito ultimamente?

— Nada digno de nota — disse eu, sacudindo uma migalha perdida do meu colo. Não tinha coragem para lhe dizer que há meses que não tinha um encontro, quanto mais sexo.

— E o Mark? Ainda anda à tua volta?

— Não, já desapareceu há que tempos, graças a Deus. Só falava do que tinha comido e do exercício que tinha feito, todos os dias, com grande minúcia. Enfim, tenho notícias mais importantes.

— Desembucha...

Procurei na mala e tirei o exemplar da *TechCrunch*, agora com as folhas dobradas.

— Isto está a acontecer — disse eu, abanando a revista à minha frente, como uma maníaca.

A Jess olhou para a capa em silêncio por um minuto antes de me arrancar da mão.

— Deves estar a brincar comigo. Como é que eles esperam que ele salve o mundo com uma aplicação de distribuição de comida? Tipo, galinha agri-doce para toda a gente?

— Tem qualquer coisa a ver com a redistribuição pelos pobres da comida que sobra nos restaurantes — disse eu. — Mas não é isso que é importante. O importante é que vou vê-lo. — Olhei para o relógio da cozinha. — Daqui a 13 horas, e não faço ideia do que hei de dizer-lhe. Quer dizer, o que é que uma pessoa diz a isto? — Espetei um dedo na cara sorridente do Ethan.

— Acho que eu começaria por um olá — disse a Jess. — E talvez não lhe apontasse assim o dedo. — Olhou para a capa. — Ele é mesmo sensual. Não era assim quando estavam juntos, pois não? Sei que só o vi uma vez, mas acho que me lembraria melhor dele se fosse assim tão giro.

— Pensei que não te lembravas de nada de 2005 — disse eu.

— É verdade, mas mesmo assim, acho que me teria causado alguma impressão. Então, qual é o teu plano de jogo?

Atirei-me de novo para a cadeira.

— Evitá-lo o mais que puder, acho eu.

— E porque queres evitar uma coisa destas? — perguntou a Jess, olhando o rosto do Ethan.

Arraquei-lhe a revista das mãos e voltei a enfiá-la na mala.

— Hum, por ele ser o meu ex-namorado? Porque não nos falamos desde que rompemos, já lá vai uma década? Sinceramente, o simples facto de eu me estar a preocupar com isto já é embaraçoso. O Justin Timberlake ainda tinha caracóis quando estávamos juntos, por amor de Deus.

— O primeiro amor nunca se esquece — disse ela, nostálgica.

— Estás a querer dizer que ainda te lembras daquele empregado do Last Drop?

— Lembro mesmo. Às vezes, quando estou mais em baixo, penso nos antebraços dele.

— Bem, eu não penso nos antebraços do Ethan, nem em qualquer parte do corpo dele. É passado.

— Deixa de ser tão desmancha-prazeres. Eu acho romântico. Vocês os dois ficarem juntos outra vez, e logo num casamento! Um casamento num castelo! É como um conto de fadas! — Estendeu a mão

e deu uma dentada numa bolacha, mastigando com ar contemplativo. — Deves pelo menos tentar ter sexo com ele.

— Isto não é um conto de fadas, é a minha vida, e ninguém está a ter sexo com ninguém. — A Jess ergueu uma sobancelha. — Sabes o que quero dizer.

— Infelizmente, sei — disse ela. — É a minha situação.

A voz do Noah quebrou o silêncio.

— Mãe! Entornei!

— É só água, não é, amor?

— Entornei o azul — respondeu ele, com a voz ligeiramente trémula.

— O azul? Oh, meu Deus, as tintas de pintar com os dedos — exclamou a Jess, arrancando com uma velocidade impressionante. — Já vou!

Corremos para a sala e encontrámos uma poça de tinta azul espalhada no soalho. O Noah estava sentado no meio dela, com lágrimas azuis a escorrerem-lhe pela cara.

— O meu azul! — gritou.

— O meu chão! — gritou a Jess.

— Vou buscar papel de cozinha — disse eu, dando meia volta para voltar à cozinha.

— Espera, eu vou buscar — disse ela. — Pega nele e vê se não espalha mais no chão, ou nos olhos...

Meteu-me o Noah nos braços e correu para fora da sala.

— Olá! — disse eu, animada. A minha voz soou estranhamente estrangulada. Ele olhou-me, desconfiado, as pernas e braços a abanarem molemente enquanto considerava a situação.

— Quero chão — disse, começando a retorcer-se. — Chão, já!

— Só um segundo, miúdo — disse eu, segurando-o com mais força para não o deixar escorregar. — A mãe já vem.

— Chão! — gritou ele, pontapeando. — Chão! Chão! Chão! Chão!

O som não era muito diferente da sirene da polícia que eu ouvira numa viagem de trabalho a Copenhaga no ano anterior.

— Noah! Não dês pontapés à tia! — A Jess tirou-mo dos braços e substituiu-o por um molho de toalhas de papel húmidas. — Eu trato dele. Não te importas de limpar a tinta?

— Claro que não.

Agachei-me e comecei a esfregar as tábuas manchadas enquanto ela levava o Noah para o andar de cima. Não me conseguia lembrar da última vez que me tinha sentido tão grata por estar de gatas. Vinte e cinco minutos depois, a mancha de tinta desaparecera (felizmente era à base de água) e o Noah tinha sido lavado. A Jess encontrou dois dedos de sandes de manteiga de amendoim e geleia escondidas nas calças dele, o que explicava a velocidade a que ele conquistara a sua bolacha, e ele brincava agora com um carro dos bombeiros, com uma atitude ligeiramente desolada.

— Onde é que nós íamos? — disse a Jess, voltando a instalar-se nas almofadas do sofá e mantendo um olho vigilante sobre o filho. — Ah, pois, estavas a planear ignorar o teu ex-namorado rico e lindo. Não faças isso.

Ela pegou-me na mão e eu sabia exatamente o que aí vinha.

— Por favor, não. Não me dês um sermão.

— Ruby, tu és inteligente, sexy, divertida e, de uma maneira geral, maravilhosa. Mereces ser feliz.

— Basta.

— E eu vejo-te a continuar nessa vidinha, tão concentrada na tua carreira, tão determinada em excluir distrações, e preocupo-me contigo.

— Não há razões para te preocupares comigo.

— Faz-me um favor e mantém o espírito aberto, está bem? É só o que te peço, que te mantinhas aberta à ideia de ainda poderes ter sentimentos pelo tipo.

— Não me parece nada que isso venha a ser um problema.

— Nesse caso, não terás problemas em prometer-me que vais manter uma mente aberta. — Ela recostou-se, com ar triunfante.

— Está bem — resmunguei. — Ganhaste. Posso comer outra bolacha antes de me ir embora?

— Claro que podes — disse ela, dando-me uma palmadinha na cabeça. — Linda menina.

A Jess levou-me ao aeroporto, com o Noah a balbuciar muito excitado quando começou a ver os aviões. Abraçou-me com força quando estacionámos.

— Eu sei que isto é stressante, mas vai correr tudo bem — disse. — Manda-me uma mensagem quando aterrares. E quando o vires. E quando chegares ao castelo. A sério, manda-me mensagens o tempo todo.

— Mando.

— Noah, diz adeus à tia Ruby! — Debrucei-me sobre o banco de trás e plantei um beijo desajeitado na mão do Noah, que ele limpou prontamente.

— Nada de teres o bebé antes de eu voltar, OK?

— Acredita que não estou com pressa nenhuma. Boa viagem e mantém-me informada. Não faças nada que eu própria não fizesse!

— Isso deixa-me bastante liberdade.

Ela deu uma olhadela ao Noah pelo retrovisor e fez-me adeus rapidamente.

— Adoro-te!

Vi o carro dela afastar-se e senti uma pontada de ansiedade. A Jess tinha boas intenções, mas nem com toda a força de vontade do mundo eu podia sentir-me tranquila por rever o Ethan. Tinha de estar preparada.

Passei o voo ensanduichada entre um tipo esgaldado, com um casaco de safari, e um adolescente que tomara banho em *Drakkar Noir* antes da descolagem. Não sei a quem pretenderia agradar, mas não era de certeza a mim. Engoli o meu habitual cocktail de bordo: zinco, vitamina C e comprimidos para dormir, e acordei quando estavam a mandar-nos endireitar os bancos. Uma das pernas do esgaldado migrara para o espaço das minhas pernas durante o voo e dei-lhe um toque no pé, lançando-lhe o que esperava ser um sorriso educado,

mas firme. Ele fingiu estar embrenhado no último filme do Cameron Crowe, como se tal coisa fosse possível.

O avião aterrou em Heathrow. Passei silenciosamente pelo controlo de passaportes e pela recolha das bagagens, de olhos embaciados e pernas rígidas. Quando finalmente emergi no portão das chegadas, eram quase oito da manhã. O voo da Piper e do Charlie, vindo de Boston, só chegaria dali a uma hora, por isso arranjei um banco vazio, liguei o *iPhone* e instalei-me para uma longa espera. Afinal, não tive de esperar muito tempo.

Levantei os olhos e vi o bonitão da capa da *TechCrunch* atravessar o átrio com grandes passadas, dirigindo-se a mim. Tinha o mesmo andar de membros soltos, ligeiramente pavoneante, embora os seus ombros agora fossem mais largos e as roupas lhe caíssem de uma maneira diferente, mais natural. O cabelo era a mesma melena de caracóis pretos, mas pude ver alguns fios grisalhos aqui e ali, e estava mais curto do que antes. Os olhos eram exatamente os mesmos. Fiquei chocada — abalada, na verdade — por perceber que a minha corrente sanguínea de repente parecia ter recebido um fluxo de dopamina. *É ele*, pensei. *Claro, tem sido sempre ele.*

— Ruby — disse ele, mais como uma afirmação do que como um cumprimento. Inclinou-se e beijou-me a bochecha superficialmente, deixando um bom centímetro de ar entre os seus lábios e a minha cara.

Nesse momento, tive duas certezas imediatas e imutáveis: ainda estava apaixonada por ele, quase deslumbrada, e ele não estava apaixonado por mim. De facto, muito pelo contrário.

— Ethan! — Fiz-lhe uma espécie de continência, de que me arrependi imediatamente.

— Gosto de te ver — mentiu ele.

— Também eu — disse eu, com demasiado entusiasmo.

— Que fazes aqui?

— Agora vivo aqui — respondeu ele. — Não no aeroporto, claro. Em Londres. — Fiquei satisfeita por o ver um pouco perturbado. — Vim buscar o Charlie e a Piper.

— Oh — disse eu. — Que simpático da tua parte.

— Pois... bem... chegaste agora?

— Há uns minutos.

— Fizeste boa viagem?

— Sim, obrigada.

Caímos num silêncio constrangido, ambos olhando atentamente para a porta das chegadas, rezando para a Piper e o Charlie aparecerem. Passaram alguns minutos. Eu cedi primeiro.

— Vou só num instante à casa de banho. Não te importas de olhar pela minha mala? Juro que não trago explosivos! — Percebi o olhar de confusão na cara dele quando me dirigi apressadamente aos lavabos. Uma vez lá dentro, salpiquei a cara com água fria e inspecionei-me sob as impiedosas luzes fluorescentes. Tal como temia, a minha cara tinha inchado durante o voo, e eu conseguia ver a ponta negra de um pelo errante e insistente no queixo. O cabelo, que eu tinha secado com volume há dois dias, era agora uma estranha combinação de acamado com esvoaçante. Em que universo cruel é que o primeiro encontro com um ex-namorado ocorre logo a seguir a um voo de longo curso? E por que diabos lhe mencionara eu a ameaça de explosivos? E como é que eu podia vê-lo depois de dez anos e ainda sentir aquelas borboletas no estômago, como se conduzisse por cima de uma lombaa e ficasse temporariamente sem peso?

Acalma-te, Atlas. Passei batom vermelho, mas isso só fez com que parecesse mais macilenta. Suspirei e voltei para a zona das chegadas.

Felizmente, uma distração chegara na minha ausência: o Ethan estava agora a bater nas costas do Charlie e a puxar a minha irmã para um abraço. Respirei fundo e fui ter com eles.

— Ruby! — O Charlie deu-me um abraço apertado e sacudiu-me para trás e para a frente, os meus pés abanando no ar. — Conseguiste vir! — Voltou a depositar-me no chão e pôs as mãos nos meus ombros. — Estou tão feliz por estares aqui. Piper, não estamos felizes por ela estar aqui? Caramba, este voo foi fantástico. Tinham os filmes todos do Rocky, até o *Rocky 5*! Consegues acreditar?

— Consigo acreditar — respondi.

— E a meio da viagem deram-nos aquelas miniaturas de gelado. Também havia gelado no teu voo?

— Dormi a maior parte do tempo.

— Ora, que pena. Hoje temos de te comprar um gelado, para compensar. Ethan, conheces algum sítio bom para comprar gelados?

— Hum, claro, deve haver um na estação de comboios...

— Não é preciso, obrigada. — Desembarcei-me do Charlie e virei-me para a minha irmã, que estava a olhar para o telefone com uma carranca. — Vais dizer olá à tua irmã mais velha ou não? — perguntei, puxando-a para um abraço. Ela era minúscula, ainda estava mais pequena que o habitual, e tinha o fino cabelo louro empilhado no cimo da cabeça, exibindo o pescoço longo e delgado e as orelhas delicadas. De nós, ela fora sempre a bailarina; graciosa e de ossos finos. Eu tinha uma constituição um pouco mais robusta.

— Desculpa — disse ela, aceitando o abraço com relutância. — É muito bom ver-te, e essas coisas todas, mas... será que eles ao menos têm 4G aqui? Não tenho rede nenhuma e preciso de ligar para o fornecedor da comida.

— Também é bom ver-te — disse eu, soltando-a. Estava habituada à abordagem de certa forma reservada da Piper à afeição familiar: quando éramos pequenas, gritava como uma louca se alguém tentasse simplesmente segurar-lhe a mão, quanto mais beijá-la. Chamávamos-lhe a Princesa de Gelo. Eu ainda chamava, quando ela não estava a ouvir.

— Toma, podes usar o meu — disse o Ethan, entregando-lhe um *smartphone* a brilhar de novo.

— É o novo modelo? — perguntou ela, de olhos muito abertos. — Ainda nem saiu!

— Benefícios do trabalho. — Ele encolheu os ombros, passando a mão pelo cabelo. O nó no meu estômago apertou-se um pouco mais.

— Viram as fotos dos Beefeaters? Não são tão queridos? — Virei-me e vi um casal de meia-idade, debatendo-se com um carrinho cheio de bagagem, a sair do portão das chegadas.

— Perdoem-nos pelo atraso — disse o homem. — A Barbara queria refrescar-se antes de te ver, Ethan.

— Oh, cala-te — disse a Barbara, plantando um beijo de batom na bochecha expectante do Ethan. — Não liguem a nada do que ele diz. Mas é tão bom ver-te! Ele não está lindo? O meu outro filho, é o que eu digo às pessoas quando te vejo na televisão. «Olhem», digo eu, «É o meu filho Ethan!» E as pessoas dizem, «Barbara, não sabia que tinhas outro filho!» E eu digo, «Bem, pode não ser do meu sangue, mas é o mais próximo possível».

— Também é bom vê-la — disse o Ethan. — E a si, Bob.

— Olá, filho. — Os dois homens apertaram as mãos, o mais velho atraindo Ethan para um abraço másculo.

— Já chega — disse Charlie, a rir. — Um tipo pode ficar com complexos só por vos ouvir. Ruby, lembras-te dos meus pais, não lembras?

A Barbara examinou-me por um minuto antes de abrir um sorriso.

— Ruby Atlas! Há anos que não te via! Não mudaste nada!

Vi as sobrancelhas do Ethan erguerem-se quase imperceptivelmente.

— É tão bom vê-la — disse eu. — E a si também, Sr. Armstrong.

— Por favor, chama-me Bob. Que é feito do teu pai? Anda por aí a vender areia às praias?

Ignorei a indireta e a gargalhada jocosa que a acompanhou.

— Ele e a Candace vão ter connosco ao hotel em Bamburgh — respondi. — Decidiram aproveitar para fazer uma pequena viagem de carro.

A Barbara arregalou os olhos.

— Ele ainda está com a Candace? Que bom! — Dava para perceber que ela não achava nada bom, e senti um impulso de piedade pela minha madrastra. — A tua mãe era uma bonequinha — disse ela, pondo a mão sobre a minha. — Que pena não poder estar aqui, para assistir a este casamento. Ela adoraria. Tinha muita classe, a tua mãe.

— Todos sentimos a falta dela — disse eu, retirando a mão da dela. Neste momento, a última coisa de que eu precisava era pôr-me a pensar na minha mãe, ou na sua ausência.

— É melhor irmos andando — disse o Ethan. Percebi, pelo seu ar embaraçado, que escutara a conversa. — Está um carro à espera lá fora.

Recolhemos as bagagens e fomos para o parque de estacionamento. Ele seguiu à frente e eu corri para o apanhar.

— Obrigada por me salvares — disse baixinho. — Não podia mesmo lidar com esta conversa neste momento.

Ele acenou com a cabeça e começou a andar mais depressa, quase desatando a correr. Era tão óbvio para toda a gente que queria fugir de mim, que me deixei ficar para trás. Não valia a pena perseguir alguém que não estava interessado em ser apanhado, pelo menos por mim, naquele momento. Segui lentamente atrás do grupo, com a mala de rodinhas a matraquear nas lajes.

Antes

Ruby acordou a meio da noite com o barulho ensurdecedor de grilos e sentiu uma súbita e intensa pontada de pânico. Estava num quarto tão escuro que não fazia grande diferença ter os olhos abertos ou fechados, e tinha o pescoço inclinado num ângulo estranho, pois a cabeça estava apoiada num monte de almofadas duras. Desorientada, sentou-se na cama e pestanejou algumas vezes, esperando que os olhos se habituassem à escuridão. Após alguns segundos, conseguiu distinguir o perfil desmaiado do cartaz de Letters to Cleo e uma fotografia de Jared Leto.

Finalmente, a ficha caiu: estava de regresso a casa, ao seu antigo quarto, no meio de coisa nenhuma.

Como é que um bando de insetos minúsculos podia fazer um tal reboliço, pensou. O constante barulho de trânsito e de bêbedos que costumava entrar pela janela do seu quarto em Boston era ruído branco reconfortante, em comparação com aquela cacofonia de grilos a cantar uns para os outros. A escuridão também era assustadora — sabia lá o que podia ocultar-se no gigantesco pátio das traseiras do pai. Há alguns anos, um tipo que parecia perfeitamente normal, daqueles que usam gabardina e jogam futebol ao sábado de manhã, tinha cortado a cabeça à mulher e espetara-a num pau no jardim deles, por ela ter deixado queimar o esparguete. Esse género de coisas não acontece nas cidades. Uma pessoa pode ser esfaqueada, mas é esfaqueada pelo tipo que andava por ali a brandir uma faca e a rir como maníaco, não pelo contabilista que está

calado ao lado dele. Ruby achava reconfortante esse gênero de transparência.

Consultou o despertador digital que empoleirava na sua mesa de cabeceira desde sempre: 4h12. Suspirou e acendeu a luz, piscando os olhos à claridade enquanto procurava o exemplar da *Glamor* que comprara a caminho de casa. Olhou o rosto sorridente da Jessica Simpson durante um minuto e folheou uma produção de moda com modelos que usavam o que parecia ser roupa cigana. Fez uma nota mental para comprar uma saia camponesa e passou a um artigo que debatia os variados méritos do autobronzeador.

Quando voltou a tomar consciência, estava a ser acordada em sobressalto por um estrondo poderoso. Arrancou a revista que se lhe tinha colado à cara e pestanejou por causa do sol que agora entrava pelas cortinas de renda. Viu as horas: 6h33. Outro estrondo, seguido por um chorrilho de palavrões. Era evidente que o pai estava acordado.

Vestiu uma camisola e uns calções e foi para a casa de banho. O cheiro de café acabado de fazer subia da cozinha, no andar de baixo, e ela inspirou-o profundamente. Estar em casa tinha alguns benefícios.

Observou-se ao espelho, percebendo com um ligeiro desespero que uma borbulha que há algum tempo ameaçava emergir se tinha finalmente revelado durante a noite. Tocou-lhe com a ponta da unha e suspirou: tinha de procurar a sua reserva de *Clearasil* do liceu. Vinte e um anos e ainda com acne: que injustiça!

Ruby arranjou o cabelo numa versão ligeiramente mais composta de um rabo de cavalo e desceu para o corredor. Ouvia a voz do pai abafada na cozinha e a reverberar pela casa, mas não o via. A cozinha ficava praticamente noutra ala.

As dimensões da casa — comprada pelo pai há cinco anos, pouco depois de ter casado com a sua madrasta, Candace — nunca cessavam de a fascinar. Ela crescera num bangalô de três quartos do outro lado da cidade, com uma sala aconchegante e um alpendre pequenino à frente e um baloiço, mas à medida que o negócio

imobiliário do pai crescia, e conseqüentemente a sua conta bancária, isso era considerado insuficiente para um homem da sua posição. Então ele e a Candace tinham comprado uma minimansão numa das suas novas urbanizações modernas e mudaram-se de armas e bagagens para ali. Ruby vivera apenas um ano naquela casa, antes de ir para a universidade, por isso nunca a sentira como sua. A urbanização chamava-se «Canções do Sul» e a casa deles — a maior, e empoleirada no cimo da colina — fora construída à imagem de Tara, de *E Tudo o Vento Levou*, algo que Ruby considerava totalmente inadequado, mas nunca conseguiu explicar completamente à Candace nem ao pai. A Candace mandara fazer um par de reposteiros verdes para a sala e uma das suas brincadeiras mais usadas nas festas era ficar no cimo da escada e dizer: «Histórias! Disparates!» antes de descer para cumprimentar os convidados.

Ruby deambulou pela sala, maravilhando-se com o enorme candelabro de cristal que surgira depois da sua última visita a casa, e entrou na cozinha. O pai vestia roupa desportiva — uma t-shirt de aparência *high-tech* com um fecho no pescoço e uns calções de licra. Estava a falar ao telemóvel em tons queixosos, acerca dos custos do paisagismo. Dirigiui-lhe um sorriso rápido e apontou para a cafeteira antes de ir continuar a conversa na lavandaria.

Ela serviu-se de uma chávena de café e sentou-se ao balcão do pequeno-almoço, folheando a *Beechfield Gazette* do dia anterior. Um leilão de caridade local, um pequeno incêndio destrói telheiro, gatos que se parecem com os donos, o início das escolas de verão de futebol: o habitual. Na primeira página havia uma fotografia de uma menina de tranças com um enorme cone de gelado. «Maisy Parker, quatro anos e meio, desfruta de uma bola de framboesa numa tarde escaldante.» De uma coisa não havia dúvidas: estava de volta aos subúrbios. Dobrou o jornal e pô-lo de lado.

O pai, depois de terminar a conversa e deixar o paisagista do outro lado devidamente admoestado, entrou na cozinha e começou a fazer alongamentos das barrigas das pernas na mesa da cozinha.

— Vou sair para fazer vinte milhas com o Kevin — avisou.

— Vais correr vinte milhas? — perguntou ela, ligeiramente incrédula. Sabia que lhe tinha dado a mania do *fitness* recentemente; reparara nos frascos de espirulina alinhados no frigorífico e nos grandes garrações de proteína em pó na despensa, mas não percebera que se transformara num corredor de ultramaratona.

— De bicicleta — disse ele, parecendo um pouco na defensiva. — Vamos andar de bicicleta em volta do lago. É um excelente exercício. Há anos que a minha barriga não estava tão lisa. Apalpa aqui — disse, empinando o estômago. — Ela deu-lhe um toque hesitante e emitiu uns vagos ruídos de aprovação. Ele ficou radiante. — A Candace diz que pareço cada vez mais novo. Começou a chamar-me a sua pantera. — Fez um rugido engraçado e deu uma patada no ar.

— Pai, por favor, não me interessa saber o que a Candace te chama.

Ele riu e deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Está bem, miúda, só pensei que gostasses de saber que ainda há vida no teu velho pai!

— Definitivamente, não me interessa — disse ela, enxotando-o.

— Então, que vais fazer hoje? — perguntou ele, atirando uma maçã ao ar antes de lhe dar uma dentada. — Olhou-a com ar avaliador. — Devias apanhar um pouco de sol — disse. — Estiveste fechada numa biblioteca demasiado tempo, estás muito pálida. Se apareceres no clube assim, vão pensar que têm um fantasma. Vão chamar o Bill Murray e o seu gangue! — Sorriu e apontou-lhe um dedo. — Quem é que chamam?

— Os *Caça-Fantasmas* — respondeu ela, obedientemente. — Seja como for, eles adoram ter branquelas no clube. Na verdade, tu é que devias ter cuidado — disse ela, avaliando-lhe o bronzado de mogno. — Se ficares mais escuro, ainda te expulsam.

— Calma aí, sabes que essa regra já deixou de existir há muito tempo. O clube é um elemento prestigioso desta comunidade, para não mencionar que dá emprego à tua irmã, por isso tem cuidado antes de andares por aí a dizer esse género de coisas. As pessoas vão ficar com uma ideia errada desta família.

— Não te preocupes, não vou encabeçar uma marcha no campo de golfe.

O pai franziu o sobrolho.

— Ruby, há algumas coisas com que, nesta casa, não se brinca. Vais conhecer vários membros do clube quando começares no escritório e não te quero ver com atitudes dessas junto deles.

Ruby gemeu por dentro à menção do seu futuro emprego como rececionista na agência imobiliária do pai. Ela candidatara-se a estágios, a hospedeira em eventos e até a um trabalho em que tinha de se vestir de cachorro quente numa estação de lavagem de carros, mas todos a tinham recusado. Afinal, era a Imobiliária Atlas, ou nada.

— Olá, passarinhos madrugadores! Já apanharam alguma minhoca?

Candace entrou na cozinha com um sutiã de desporto preto e *leggings* a condizer, que deixavam à mostra uns abdominais tonificados. Ruby tinha de admitir, por mais que a mulher a enlouquecesse, tinha uma aparência espetacular para alguém que estava perto dos 40.

O pai de Ruby bebeu um trago de xarope de trigo e calçou os sapatos de ciclismo.

— Bom dia, querida! Vou agora ter com o Kevin, de bicicleta. Tenho de me manter em forma para a minha dama — disse ele, dando uma palmadinha no rabo da mulher. Ela riu e beijou-o na bochecha.

— É melhor que o faças — disse, devolvendo-lhe a palmada no rabo. Ruby perguntou-se se ele sentiria alguma coisa através dos calções de ciclismo almofadados, já que a sua expressão permanecera suspeitosamente inalterada. — A Piper já se levantou?

— Claro que não — respondeu Ruby. — Ela nunca vem à superfície antes das dez. Além disso, ontem à noite estava a queixar-se de alergias, por isso deve ser mais para o meio-dia.

O pai enrugou a testa.

— Espero que não fique com o nariz vermelho. Amanhã é o primeiro dia de trabalho no clube. — Ruby retirava algum consolo do

facto de a irmã, cuja noção de trabalho até esse momento se reduzir a tirar o verniz das unhas, não tardar a ser rececionista no clube local, com uniforme e tudo. A ideia de ver a Piper vestida de poliéster enchia-a de uma alegria inestimável.

Uma buzina soou lá fora e o pai pegou na mochila.

— É o Kevin. Vemo-nos depois do trabalho, minhas senhoras! — Saiu de casa, com os sapatos a estalarem nos mosaicos, e Candace serviu mais um café para Ruby e um chá verde para si.

— Quais são os teus planos para hoje? — perguntou com um sorriso. — Vou ao centro comercial daqui a pouco, não queres vir?

— Não, obrigada — disse Ruby. Embora suspeitasse de que uma ida ao centro comercial resultaria em coisas de borla, não aguentaria experimentar roupa com a sua «turbomadrasta» e os seus seios pneumáticos. Este era o seu último dia de liberdade oficial pós-licenciatura: no dia seguinte começaria a trabalhar e daria início ao seu verão sob o zumbir constante do ar condicionado de um escritório. Tinha de aproveitar o dia ao máximo.

— Muito bem, então fica aqui e trabalha para o bronze. Vou passar pela mercearia no caminho para casa, achas que a tua irmã precisa de alguma coisa em especial?

— Parece-me que ela está a fazer a dieta macrobiótica da Gwyneth — respondeu Ruby. — Acho que podes só trazer umas boas quantidades de legumes secos e frescos.

A Candace franziu o nariz.

— Coitadinha. Vai ficar com toda a espécie de gases se comer feijão o dia todo. — Pegou na mala *Chloe Paddington* e no saco *Longchamp* que usava para o ginásio e fez um aceno rápido a Ruby. — OK, aqui vou eu! Passa um bom dia na piscina e tenta apanhar alguma cor nessas pernas, menina! — Flutuou porta fora envolta numa nuvem de *Clinique Happy*.

Ruby untou-se com óleo *Hawaiian Tropic* (SPF 4, a segurança era o seu lema) e passou o resto do dia a dormir e a folhear preguiçosamente as páginas do seu romance. Piper apareceu junto dela por volta do meio-dia e resmungou com ela antes de lhe roubar o óleo

e beber a última *Diet Coke*. Implicaram suavemente uma com a outra até Candace voltar a casa e exibir as suas compras diante delas, entre as quais uma microscópica saia de ganga branca que as irmãs se uniram para detestar.

No momento em que o pai chegou a casa do trabalho, as três mulheres estavam irritáveis e sofrendo de casos ligeiros de afogeuamento e comichão. Sem dar por isso, ele alardeou os seus triunfos desse dia: o seu novo melhor tempo na bicicleta essa manhã, os três condomínios vendidos ao almoço, o desconto que conseguira no preço do fertilizante de relva e uma anedota que contara e fizera o Buddy Cartwright cuspir o seu *Mountain Dew*. Candace e Ruby escutaram-no e, à vez, fizeram murmúrios de aprovação durante o jantar de salada de frango assado (dispensaram o molho) enquanto Piper mastigava, amuada, um prato de lentilhas. Fez uma última corajosa tentativa de se livrar do trabalho no dia seguinte (com o pretexto de um nervo preso no dedo) mas o pai ignorou-a.

Às 21 horas, Ruby pôs o seu prato na máquina e pegou na mala.

— Tenho de ir — disse, esperando conseguir fazer uma saída rápida. — Vou encontrar-me com algum pessoal da secundária no Billy Jack's.

As sobranceiras do pai ergueram-se rapidamente.

— O Billy Jack's! Mas por que raio vão a um pardieiro desses?

— A Ruby acha que tolerar esses sítios a faz parecer mais sofisticada — disse Piper, nada prestável.

— Não acho nada. — Mas achava, um bocadinho.

— Achas, sim.

— Cala-te!

— Meninas — interveio Candace com um grande sorriso. — Tentem dar-se bem, pelo vosso pai. Sabem o que o médico disse acerca da sua tensão arterial.

Ruby virou-se para o olhar, de repente em pânico.

— Não — disse. — Não sei o que disse o médico. Que disse ele?

— Não é nada — respondeu o pai, esticando os braços acima da cabeça. — Está só um bocadinho alta.

— Ele receitou-lhe betabloqueadores. É o stress do trabalho.
— Candace espetou um pedaço de frango com o garfo e lançou-lhe um olhar significativo.

— Porque não me contaste? — perguntou Ruby em tom acusador. — Como é que eu podia não saber disso?

— Hum, talvez porque nunca estás em casa? — Era novamente Piper, tão prestável como sempre.

— Querida, não é nada. A sério. Vai lá e diverte-te. Precisas de dinheiro?

— Não, pai, obrigada. Tenho que chegar.

— Talvez seja melhor. É preferível não ter muito dinheiro num sítio daqueles. Vê lá, se alguém te pedir que o acompanhes lá fora, ou à casa de banho, ou algo assim, dizes que não, está bem?

— Está bem, pai. — Ruby resistiu à tentação de lembrar que, nos últimos quatro anos, tinha vivido numa esquina de Boston mais conhecida pela sua colorida coleção de prostitutas e agarrados.

— Porque não levas a tua irmã contigo? — sugeriu Candace. — Ia ser divertido!

— Nem morta! — disse Piper, tirando do frigorífico um *cooler* de vinho em miniatura. — Não quero ser vista nesse sítio. De qualquer maneira, esta noite vou sair com a Kimberly.

— Piper, não duvido de que costumasses beber na universidade, mas agora estás debaixo do meu teto, e sabes o que penso do consumo de bebidas por menores.

Piper revirou os olhos.

— Oh, por favor, é vinho, não é *Bacardi*. É o mesmo que sumo.

— Piper...

— Por favor, pai? — Ela pestanejou-lhe algumas vezes e ele acabou por assentir, encolhendo os ombros. Ela saiu da cozinha, mas não sem antes tirar outra garrafinha do frigorífico.

Ruby entrou no carro, pôs Sheryl Crow a tocar e arrancou para o Billy Jack's, sentindo que estava outra vez no último ano da secundária. Só que, desta vez, com um bilhete de identidade verdadeiro.

Quando chegou ao Billy Jack's, abriu as portas estilo *saloon* e foi recebida pelos primeiros acordes de *Sweet Child of Mine*. Viu um grupo de antigos colegas de turma encafuados a um canto, todos bebendo nervosamente as suas *Buds* e olhando desconfiados para os locais. O bar estava apinhado e húmido devido ao bafo a cerveja dos clientes, e Ruby sentiu a blusa começar a colar-se-lhe às omo-platas. Passou por duas mulheres com calções de ganga cortados e blusas sem costas, dançando entusiasticamente, e agarrou-se à ponta do balcão para se equilibrar.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou o empregado, debruçando a sua figura esguia sobre o balcão. Ela olhou para cima e, ali, a limpar cerveja entornada com um trapo sujo, estava o homem mais bonito que ela já tinha visto. Tinha uma melena de cabelo enca-racolado sobre uma testa larga e lisa. As sobrancelhas eram grossas e muito direitas e, por baixo delas, dois enormes olhos com pestanas longas e negras. Um nariz fininho, quase de rapariga, levava a uma boca grande, de lábios cheios.

— Hum... — Ela olhou-o de expressão vazia por uns momentos.

— Uma mulher de poucas palavras — disse ele. — Gosto disso. Sou o Ethan. — Ele estendeu uma mão (perfeita) e irradiou um sorriso (perfeitamente) torto.

Ela olhou-o num silêncio desconcertado. Ethan, pensou, rolando o nome na cabeça como se fosse uma pedrinha macia.

Ele deu-lhe um toquezinho no ombro.

— Estás bem?

Sobressaltada, ela voltou ao presente.

— Ruby — disse, estendendo-lhe também a mão. — Chamo-me Ruby.

— Fixe — disse ele. — Como na canção.

Ruby não fazia ideia de que é que ele estava a falar, mas não importava. A única coisa que importava eram os seus olhos verde-dourados e o reflexo dela neles.

RUBY E ETHAN ERAM PERFEITOS UM PARA O OUTRO...

Dez anos depois de se separar de Ethan, Ruby continua solteira e obcecada com a sua carreira e a vida agitada de Manhattan. Mas, com a data do casamento da sua irmã a aproximar-se, Ruby terá de prescindir de uns dias da sua vida ocupada para viajar até Inglaterra.

Contudo, ausentar-se do emprego e dispor de uns dias para uma viagem não é o único problema de Ruby — Piper vai casar-se com o melhor amigo de Ethan, pelo que também este estará presente no evento.

À medida que o grande dia se aproxima e, enquanto ajuda nos preparativos para o casamento, Ruby terá de perceber se a escolha que fez no passado foi a correta.

... Passada uma década, poderão Ruby e Ethan retomar a sua história de amor?

Uma história apaixonante e muito divertida sobre o amor e o reencontro, que prova que existe sempre uma segunda oportunidade para ser feliz.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-13-5



9 789898 869135

Ficção Romântica